



umbigo

umbigo | digo | e | depois | sigo | pelos | públicos | abaixo | acho | que encontrei

Contracultura

robert priseman . o espaço vazio . elene usdin . o teatro dos fantasmas . yves klein . le vide .
ângela ferreira . num cruzamento entre a arte e o espaço social . kathy acker . sexo, colagens e
rock & roll . rita barros . o excêntrico mora ao lado . william burroughs . a linguagem é um vírus .
snuff movie . num cinema perto de si . thierry mugler . e o estilista reinventa a mulher

00027



5-607727-019404

www.umbigo.com.br

PARA O ENCEADOR INGLÊS PETER BROOK, O ESPAÇO VAZIO É UMA TELA EM BRANCO. UM LOCAL ASSEPTICO QUE, PELA SUA NATUREZA CRUA, SE TRANSFORMA NUM MAR DE POSSIBILIDADES ONDE TUDO PODE ACONTECER. OS QUADROS DE ROBERT PRISEMAN PARECEM CONTER ESSA MESMA PROMESSA DE POSSIBILIDADE. SÃO PALCOS ONDE RECENTEMENTE FOI REPRESENTADA UMA PEÇA. NO VACUO, AINDA SE SENTE A VIBRAÇÃO DOS ACTORES AUSENTES, JÁ NOS CAMARINS. COMO SE O FANTASMA DO PAI DE HAMLET TIVESSE ACABADO DE SAIR DE CENA. «PARA MIM, O VAZIO REPRESENTA UMA AUSÊNCIA E A AUSÊNCIA É A MEMÓRIA DA PRESENÇA», DIZ ROBERT PRISEMAN.

THE DEATH OF GEORGE DYER
CORTESIA 'GOLDMARK GALLERY

O Espaço Vazio^x por Filipa Penteado

O Espaço Vazio

por Filipa Pentado

pelo lado conceptual das coisas e acho que cheguei a uma altura da minha vida em que as minhas capacidades como pintor e a minha visão do mundo estavam suficientemente desenvolvidas para começar a procurar a minha própria voz. Inicialmente, há cinco anos atrás, comecei a pintar interiores de hospitais e estações de metro. Interessava-me o transitório, as transformações do ser humano. Mas queria levar este conceito mais longe e há cerca de três anos comecei a pintar ambientes mais intensos e desafiadores.

O que é que te atraiu para o tema que exploras em *American Execution*?

Ver o corpo de Saddam Hussein nas primeiras páginas de todos os jornais chocou-me. Eu tenho uma filha de oito anos e entrei com ela no nosso supermercado de bairro e ali estava um dos jornais, sem qualquer tipo de censura. Então lembrei-me que, desde 1800, as execuções no ocidente foram sempre feitas à porta fechada, longe do olhar do público. E de repente, ali estava, acessível a toda a gente, a prova de que um tirano tinha sido executado. Isto levou-me a começar uma série de quadros que já pensava fazer há algum tempo, sobre as câmaras onde são dadas as injeções letais. As macas lembravam-me uma forma moderna de crucificação.

Comecei por doze esboços sobre diferentes tipos de execuções que ainda se fazem hoje em dia e fiquei chocado ao encontrar apedrejamentos, enforcamentos, electrocussão, pelotões de fuzilamento e o uso de gás. Fiquei também chocado quando descobri que a última execução por uso da guilhotina, em França, ocorreu em 1977 e que a última utilização do garrote em Espanha foi em 1974. Quando pesquisei mais, descobri que existem cinco métodos diferentes de execução ainda em uso nos EUA e pensei que isso seria ainda mais provocador como tema do que as macas de injeção letal. Logo esta série de quadros traria este assunto para fora de portas, tal como a execução de Saddam Hussein o fez.

Fazer *American Execution* deve ter sido um processo intenso. Conta-me algumas das experiências ou descobertas mais fortes que fizeste durante o processo de pesquisa deste projecto.

Embora tenha usado fotografias e tenha tentado distanciar-me mentalmente do tema em questão, foi difícil não ser "assombrado" por este trabalho. Não gostava de ver nada violento no cinema ou na televisão e deixei de ver as notícias. Nunca me tinha apercebido da brutalidade que mostram, acho que nos tornamos imunes a isso. Uma das coisas que me impressionou foi a criatividade das técnicas que as pessoas inventam para matar outras e o facto de muitas vezes a morte não ser

rápida como vemos nos filmes.

Uma pessoa que seja executada na cadeira eléctrica (foi usada pela última vez em Setembro de 2007) demora quinze ou vinte minutos a morrer e morre por combustão, queimada.

Outra coisa que me impressionou foi o facto de haver um grande ritual à volta das execuções. Desde o número de pessoas envolvidas até uma série de processos que fazem parte de um protocolo a seguir. Suponho que seja necessário para que quem está envolvido se consiga distanciar e faça o que tem a fazer. Porque acredito que bem lá no fundo reconhecem que é errado.

Este trabalho mudou a tua relação com a morte e com a pena de morte em particular?

No que diz respeito à minha relação com a morte, diria que me deixou mais consciente dela. A morte é o grande mistério da vida e passamos grande parte do nosso tempo a tentar ignorá-la. A pena de morte é uma questão diferente. Sempre fui contra e este trabalho aumentou ainda mais a minha vontade de ajudar aqueles que lutam pela abolição da pena de morte. Esta pena não previne crimes horrendos e apenas serve como vingança daqueles que foram tocados por crimes violentos. Ela é aplicada, sobretudo, às camadas mais pobres, com menos educação e com um QI mais baixo. É um sistema que ocasionalmente mata inocentes. Se é errado que um criminoso tire outras vidas, então também deveria ser errado que o Estado o faça. Dois erros não equivalem a uma atitude correcta.

Para onde caminha o teu trabalho depois de *American Execution*?

Comecei a trabalhar numa série de quadros sobre as câmaras de gás. Há alguns anos atrás achei que era um assunto intocável mas penso que algo mudou, de forma muito subtil. Em parte, acho que é o facto de muitos dos sobreviventes do Holocausto estarem a morrer. Embora se tenham recolhido provas físicas, os seus testemunhos têm sido muito importantes para o mundo. Quando eles desaparecerem, acho que precisaremos de formas de enfatizar o material que restar, para que a negação do Holocausto não venha ocupar o vazio que for criado.

American Execution vai estar em exposição, em 2009, na Goldmark Gallery (Londres) e na Amnistia Internacional. Brevemente sairá também um livro sobre este trabalho e outro sobre a série de quadros *Francis Bacon Interiors*. Para mais informações, vá até www.robertpriseman.com



LETHAL INJECTION GURNEY
CORTESIA GOLDMARK GALLERY

Nesta ausência de figuras humanas que povoa a obra de Priseman, restam apenas as emoções. Tal como Francis Bacon (uma das suas maiores influências, ao qual dedicou uma série de quadros) também ele é atraído por espaços artificialmente iluminados, locais que foram palco de emoções extremas e que agora estão hermeticamente selados do mundo. Como um casulo de humanidade ou uma caixa de Pandora onde resta apenas a esperança. «É frequente na pintura vemos figuras à beira do abismo, a contemplar algo maior do que elas. No trabalho de Bacon, essas figuras estão a ser sugadas para esse abismo, para o vazio. Eu gosto desta ideia mas quero retirar a figura humana deste cenário. Não quero que o observador se reconheça nessa figura, mas sim que se imagine no seu lugar e esteja completamente absorto no quadro», explica Priseman.

Ao despersonalizar o seu trabalho, Robert Priseman humaniza-o. Não pelas marcas histrionicas do sentir humano mas sim pelo que fica dele nas paredes que habitamos. São testemunhos poéticos, homenagens ao transcendente baseadas na representação de objectos físicos e concretos. Estas características são ainda mais visíveis em *American Execution*. Esta última série de quadros retrata o interior de salas de execução, desde câmaras de injeções letais até cadeiras eléctricas. Local de aura pesada onde nós,

espectadores, somos convidados a entrar e ocupar o lugar dos actores que saíram de cena. «A analogia do palco vazio também é interessante por isso mesmo, porque representar permite-nos explorar emoções e viver outras personagens, mantendo uma distância segura», diz Priseman. «Permite-nos assumir uma responsabilidade teórica pelo que estamos a sentir e a fazer, mas na realidade essa responsabilidade não existe», acrescenta.

A serenidade dos quadros em si contrasta com a temática negra que exploram. Mas é nestes extremos que Robert Priseman se equilibra. Trabalha a partir de fotos, porque precisa de criar "camadas de separação" entre si e a carga emocional dos locais que o atraem. No entanto, afirma com convicção que o trabalho de um artista é observar o que acontece debaixo da superfície das coisas. Gosta de explorar os extremos da vida, encontrando neles as explicações para as nuances que estão no meio.

Os teus primeiros trabalhos eram bastante diferentes dos que fazes actualmente. Consegues identificar quando e porquê se deu essa mudança?

Os meus primeiros quadros foram retratos encomendados, que gostei muito de fazer. Foram uma longa aprendizagem em pintura. Sempre me interessei